

A ESCOLA PRIMARIA

REVISTA MENSAL

Sob a direcção de inspectores escolares do Districto Federal

Director : ALFREDO C. DE F. ALVIM

ASSIGNATURA

Redacção : RUA 7 DE SETEMBRO, 174

Para o Brasil — Um anno. 10\$000

SUMMARIO:

| | | | |
|-----------------------|---------------------------------|--------------------|----------------------------|
| — | Cultura Civica | Othello Reis..... | Educação do homem e do ci- |
| — | A nova administração | | dadão |
| R. Octavio Filho..... | Bibliothecas infantis(discurso) | Isabel Mendes..... | Lingua Materna |
| Jose Rangel..... | Educação Moral e Civica | Othello Reis..... | Geographia |
| Othello Reis..... | Desconto por dentro | Sebastiana Figuei- | |
| Mestre-Escola..... | Tres palavrinhas | redo..... | Arithmetica |

CULTURA CIVICA

Nas vespervas de deixar o poder, acaba o Sr. Presidente da Republica de manifestar mais uma vez a preocupação que lhe paira constantemente no espirito, de pregar a necessidade de educação moral, civica e social do povo. Mais do que de instrucção, frisa S. Ex., precisa o povo de educação e convirá que esta idéa se diffunda, para que por toda parte se sobreponha á tendencia a desenvolver a mentalidade dos jovens cidadãos a de lhes formar o espirito dentro das normas mais adequadas para que no futuro sejam os timoneiros seguros da nação, seus modelos moraes, seus guias dignos de fé, e não meros repositórios de conhecimentos adeantados.

Cada vez mais é manifesto que os inimigos da nação, os que a ameaçam, não são todos estrangeiros. Ha mais probabilidade, e terrivel probabilidade de vir o mal de dentro do proprio paiz. E muito mais graves certamente os danos desta ordem, do que os das nações estrangeiras. São os maus cidadãos, para quem a patria é apenas seu interesse material immediato; os que violam a lei e a propriedade, os que são indolentes ou desanimados, injustos ou egoistas. Nemi sempre cáem suas más acções sob a alçada repressiva das leis e só a educação perfeita das consciencias poderá evitar que continuem a prejudicar a patria.

É necessario formar o character do povo para que saiba ser justo e resignado; para que saiba obedecer em beneficio de communitade, sobrepondo aos seus proprios os interesses geraes; para que, elevado aos cargos de direcção de seus conterraneos, cada um saiba ser justo, tolerante e magnanimo. Essa educação tem sido menos-

prezada não só em nossa terra, mas tambem em outras nações e põe em perigo as liberdades do cidadão e a grandeza do paiz.

Que vemos nós por toda parte? A inveja, o odio, as competições mesquinhas, os desejos insopitados de revolta, de desordem, de anarchia. É que pôde esperar um povo em que se manifestem taes diatheses, senão a dissolução?

Bem haja, pois, o Sr. Arthur Bernardes, que no momento de deixar o poder tão transitório do periodo governamental republicano, lança ao paiz esse appello no sentido de se restaurar o character nacional. Poucos presidentes tiveram como elle occasião de observar essa omnimoda molestia do organismo nacional, em toda parte presente no espirito de insubmissão que lavra de Norte a Sul do territorio da patria.

Para sanear os dominios moraes será necessario não só que o povo seja educado, mas tambem que os governos vindouros saibam perseverar na applicação inflexivel da lei e dos principios geraes do direito. Insinuou-se no espirito do povo um desanimo absoluto na força das leis e de suas garantias e por isso ha este desejo de tudo conquistar pelo patrocínio dos poderosos eventuaes ou pela violencia. Urge que assim não seja, e esperamos confiadamente que, apaziguados os animos, callados os ultimos brados, de revolta, esquecidas as maguas que têm despertado em alguns espiritos os remedios heroicos exigidos pelas circumstancias, possa o paiz caminhar tranquillo na senda do direito e da paz, tendo cada cidadão a consciencia de seu proprio valor como unidade do todo nacional.

I - Idéas e Factos

NOVA ADMINISTRAÇÃO

O dr. Renato Jardim, que vae assumir a chefia da Instrucção Publica Municipal do Districto Federal, é já bastante conhecido de quantos militam na campanha do ensino. Para apresental-o, porem, aos membros do magisterio, a quem acaso ainda não seja familiar seu nome, lembramo-nos de transcrever um seu trabalho apresentado no Congresso de Instrucção Secundaria, bella assembléa de competentes que não faz muito se reunir nesta cidade.

Como se vae ver, a principal idea agitada nesse trabalho é a mesma pela qual nos temos incessantemente batido nestas columnas, como o têm feito os professores em geral, os inspectores e todos os que de perto acompanham o movimento pedagogico, sentindo as deficiencias e os erros de orientação a que, embora com a mais accentuada vontade de acertar, são frequentemente induzidos os dirigentes.

Pessoa de absoluta confiança não só do novo Prefeito, mas do proprio sr. Presidente da Republica, não ha de saltar ao dr. Jardim (e bem sabemos como tem de ser esteril a acção do Director quando ella falha!) o apoio firme para realizar obra de inestimavel valor.

Venha S. Ex. decidido a dar ao Districto Federal a energia e a competencia de que é dotado. Recebido de braços abertos pelos que desejam trabalhar efficientemente, não achará difficuldades. Verá que o magisterio desta circumscripção do territorio nacional é, como aquelle com que teve occasião de mais intimamente lidar, constituido de elementos verdadeiramente admiraveis por seu zelo, pela sua competencia e pela sua dedicação a carreira em que entraram com em legitimo sacerdocio.

Muitos são os problemas que esperam, para ser resolvidos, pessoas que venham com as credenciaes de S. Exa.

Inimigos de louvar sem factos, e certos de que a acção do novo director não tardará a acarretar-lhe as sympathias unanimes do magisterio, asseguramos a S. Exc. a sinceridade de nosso apoio, embora desvalioso. Nesta revista, que é a legitima e mais antiga voz do professorado municipal, encontrará a opinião

sincera a respeito de seus actos e o intuito sempre evidente de collaborar para o successo de sua administração.

Indicação

E' evidente a preocupação dos programmas, por parte dos membros deste douto Congresso. Essa preocupação revela-se a todo instante, a proposito de quasi todos, senão todos, os assumptos.

E' sobre tudo a questão, vital para este, do excessõ de extensão de que geralmente se resentem os programmas, no curso secundario, é sobretudo o facto conhecido, por todos lamentado, da sobrecarga desses programmas, que está no espirito de cada um de nós e se interpõe a cada passo incidentemente, como objecto de discussão, a embaraçar o debate sobre questões de outra ordem.

Negar a veracidade dessa sobrecarga não será servir ao ensino. Affirmar que a extensão geralmente concedida ao programma de cada cadeira, nos nossos cursos secundarios, officiaes ou não, é excessiva e que taes programmas, assim confeccionados, não são exequiveis ou—o que importa no mesmo—não são convenientemente exequiveis, não envolve injuria a quem quer que seja, não contem sequer desconhecimento da competencia, por tantos outros modos affirmada, dos doutos professores a cuja autoria elles cabem.

Aliás, os programmas excessivamente ambiciosos são um mal generalizado, que em toda parte clama por correctivo e que em toda a parte é ardorosamente combatido.

Taes programmas existem entre nós, e o não executal-os na integra ou não executal-os com o inteiro e desejavel proveito no ponto de vista da cultura geral, objectivo do curso secundario,

consequencia fatal. E de tal modo é entre nós habitual não executal-os, de tal modo se affirma a consciencia de que são elles de difficultosa execução, que a propria lei sagra o uso, que a propria lei confere o benep'acito a essa inexecução, limitando, nesse particular, a obrigação dos professores dos institutos officiaes á execussão dos programmas nos seus dois terços, apenas.

Preferivel, sem duvida, seria que motivo não houvesse para essa previsão legal de impossibilidade na execução integral dos programmas. Salutar seria que a lei não sancionasse, como sanciona o facto de programmas que se organizam para não serem executados ou melhor desejavel seria que nada motivasse esse extranho facto de que a lei de ensino, na necessidade de não fazer de cada professor um delinquente a punir, previdentemente estatúa que não constitue falta deixar sem completa execução os programmas organizados, de tão taxativa feição que se constituem de summarios de lições.

Pensamos que ante tal facto não deve este Congresso deixar de dizer o que pensa sobre a questão, sobre a orientação geral a que devem os programmas obedecer.

Sem desconhecermos a propria incompetencia para elucidar tão delicado assumpto, sem ignorarmos que ninguem possui a sciencia perfeita sobre coisa alguma, mas obediente a bõa doutrina de que não deve ninguem, por motivos dessa ordem, recer expender a sua opinião, seguro de que esta, qualquer que seja o pouco ou muito de verdade que contenha, representa uma parcella minima da força que rege os destinos humanos e que ella não produzirá senão aquelle resultado de que é ella capaz e que licito lhe é produzir, vimos dizer sobre o assumpto o que pensamos ser a verdade, offerecendo por esse modo, ao douto Congresso, oportunidade de se pronunciar a respeito, ou approvando ou rejeitando as conclusões deste parecer.

Fóra de controversia é que, em se tratando da escolha de programmas, da orientação e extensão que devem elles ter, uma previa questão se impõe: a de saber quaes os fins do ensino a que esses programmas vão servir. Na hypo-

these vertente, é a finalidade do curso secundario que se terá de préviamente definir, com clareza e precisão.

No conceito geral de quantos se têm dedicado ao assumpto, de quantos para este attenuam com um pouquinho de amor, o ensino secundario deve constituir um curso de *generosidade*; os seus fins são a *cultura geral e desinteressada*; a *formação de habitos intellectuaes e moraes* é o seu principal escôpo, a *formação do subconscient*, fonte em que verdadeiramente se gera e se orienta a actividade do homem; os necessarios propositos do ensino secundario são *educar*, a *instrucção* nelle ministrada principalmente um meio de educar.

Distingue-se o ensino secundario, nesse particular, do ensino primario em que neste, a despeito da larga parte educativa que deve elle ter, ha uma serie de *technicas* que nelle se têm que ensinar, como sejam a arte de lêr, a arte de escrever, a arte de contar, etc. Distingue-se do ensino superior, de sciencias ou letras, em que nestes, ainda se prestem elles á educação do espirito, o principal fim e a *instrucção*, é o aprofundamento de conhecimentos e por meio de especializações, com o que não se compadece o ensino secundario. Distingue-se do ensino profissional, por ser o proprio deste, não só a especialização, como tambem a applicação immediata de conhecimentos e a *technica* profissional.

A idéa de que ao ensino secundario se deva dar a feição utilitaria é — dizemol o com todo o respeito que nos merecem as opiniões alheias, sobretudo de homens de demonstrado e admirado valor intellectual — essa idéa é fructo de pouco aprofundado estudo da questão. A utilidade, não pequena, que se necessita não abolir do ensino secundario, é a *formação do homem*. Tudo quanto o prive dos meios de attingir esse fim, ou desse fim o desvie, deturpa.

O utilitarismo no ensino secundario, que em certo momento parecia vencedor, passou de moda. Na França de Lavisse, de Lemaitre, de Demolins, de Le Bon, ainda neste momento, em que se trata de uma nova reforma de ensino, a reacção contra essas idéas é completa e, cuida-se, sob a inspiração do Ministro da Instrucção Publica, de restituir in-

teiramente ao ensino secundario a sua feição de ensino liberal, de que aliás nunca se afastou muito. Na Allemanha, o paiz por excellencia do ensino tecnico, nunca perdeu o ensino de humanidades essa feição, e a despeito de esforço em contrario do proprio Guilherme II. Assim na Belgica, na Suissa, em toda a parte, mesmo nos Estados Unidos, a proposito do qual equívoco se dá, tomando-se todas as organizações de cursos como traduzindo typica orientação do ensino secundario, quando a verdade é que os Estados Unidos primam pela infinita diversidade de typos de ensino.

Mas, se na realidade a funcção do ensino secundario é a que acima expomos, o programma de cada uma das suas cadeiras deve ser sobrio, destinado, não o abarrotar ou esmagar o espirito do alumno, mas, ao contrario, a amplial-o, a dar-lhe vigor, a liberal-o; deve ser sobrio porque a materia delle deve constituir elemento que se conjugue com o programma das demais cadeiras para um resultado commum, a cultura geral, que é objectivo do ensino secundario; deve conter em germen — no que respeita ás sciencias da natureza, á geographia, á historia, como a outras materias — em germen, mais ou menos desenvolvido, o que a materia constitue, sem mutilações, sem illogismos, embryãoi perfeito; deve assim constituir um todo entegro, habilitando, o ensino por elle feito, a uma noção clara e verdadeira embora não completa emminucias, ácerca dos factos de que elle se occupa; deve conduzir, na orientação como se organiza, para as conclusões geraes da sciencia, não para o dispersivo das minudencias, para a apprehensão, se se trata da historia, por exemplo, da marcha

da civilização, num largo cyclo de acontecimentos; deve prestar-se á ministração de conhecimentos, ao mobiliamento — para usar de expressão consagrada — do espirito do alumno com um certo numero de idéas, mas deve ser, sobretudo instrumento, *utensilio*, para os methodos de educar, que estes são o *quasi* tudo no ensino secundario; deve não ser excessivamente extenso, para não roubar a efficacia a esses methodos ou não impedir a applicação delles, para que não impeça, pela rapidez com que se desdobra, a assimilação dos dados scientificos ministrados, para que não embote, ao invés de constituir-se neste o habito da reflexão, para que não lhe produza, como consequencia de um enfraquecimento, e para o resto da existencia, invencível repugnancia pelo estudo da materia com que foi abarrotado.

Assim pensando, somos de parecer que o Congresso emitta o voto para que os programmas no curso secundario sejam sobrios condicionados ao fim educativo do respectivo ensino, e não constituam um indice minucioso das materias de que se occupe volumoso tratado de um dado ramo scientifico; que, para não infringir o salutar principio de autonomia didactica e para não impedir a applicação do melhor methodo, o da «re-descoberta», por exemplo, no ensino das sciencias naturaes, — os programmas padrões não sejam analyticos, e sims syntheticos, ficando a cada professor ou cada congregação a confecção ou approvação dos analyticos.

Rio de Janeiro, 29 de Setembro de 1922.

(ass.) Renato Jardim.

(Do 4.º Congresso Brasileiro de Instrucção Superior e Secundaria.)

Parnaso Infantil

de OSORIO DUQUE ESTRADA

(DA ACADEMIA DE LETRAS)

A' venda nas principaes LIVRARIAS

Bibliothecas Infantis

(Discurso do Dr. R. Octavio Filho)

Não se precisa ter, como eu, uma filha que já vai á escola, para que os assumptos atinentes á instrucção publica sejam uma preocupação permanente.

Não póde haver bom brasileiro, que não veja na Escola Publica, o mais solido esteio do Brasil de amanhã.

Não é preciso ser Rotariano, para prégar com patriotismo, com fé e com entusiasmo a necessidade imperiosa da divulgação de ensino e levar avante com todo o nosso ardor de brasileiros uma permanente e effectiva propaganda de se implantar, neste vasto, maravilhoso e querido Brasil, a instrucção obrigatoria.

E' este o problema brasileiro. O Governo que o executasse, teria dado a esta terra benedicta a maior e talvez a unica esmola de que ella precisa.

E é por isso, professores e profssoras dos pequeninos brasileiros, que o Brasil inteiro vos abençoa. Concorreis com dedicação e paciencia para a solução do nosso problema magno. Cada criança que sahe da escola lendo e escrevendo, sahe tambem com a consciencia do que é e do que vale ser-se brasileiro. Não será apenas um animalzinho que tem amor á terra em que nasceu. Será um pouco mais. Será dono de uma intelligencia equilibrada, capaz de encarar a vida com serenidade, capaz emfim de saber viver, honrando e comprehendendo a terra em que nasceu.

E ella é tão bella, a nossa terra! Tão rica, tão differente de todas as outras! Relicario precioso de preciosas joias! Ella tudo produz, desde o ouro ao pão. Terras virgens conhecem o canto extranho de passaros desconhecidos. Rios sinuosos, reflectem na placidez de suas aguas a sombra de nossas florestas, cujas arvores seculares permanentemente dão a flor e dão o fructo. Terra rica productora de ferro e cujas formidaveis cachoeiras podem dar força e luz ao mundo inteiro!

Terra rica, mas pobre de instrucção. Eis ahí, meninos e meninas que me ouvis, o que é o Brasil.

A instrucção é o interesse geral, a

solução de todas as necessidades nacionaes. Perguntae a um medico, de que carece o Brasil, para ser uma grande nação: saneamento vos responderá elle. Indagae de um engenheiro e a resposta será: estradas, communações. Um jurista vos responderá: precisamos de boas leis e de justiça. E o militar: armas, armas!

São todas estas, soluções isoladas, individuaes, que sem auxilio de um povo que saiba ler e escrever, não corresponderão aos sacrificios de que dependem.

A solução está na instrucção publica.

É por isso que o Rotary Club do Rio de Janeiro tem como um dos mais sagrados dos seus fins, o procurar incentivar e animar por todos os meios de que dispõe a instrucção do povo brasileiro.

O Rotary Club, que para algumas pessoas, que não lhe conhecem os intuitos, tem algo de mysterioso, é no entanto uma entidade simples e clara. Procura o bem geral.

E' divisa nossa, *dar de si, antes de pensar em si*, Servir com intenção apenas de servir, *desdenhando de toda recompensa*. (para lembrar o verso de um poeta) é um dos credos rotarios.

Recebei pois crianças desta Escola, a pequena bibliotheca que com a carinhosa intenção de servir-vos, vos offerece o Rotary Club do Rio de Janeiro. Foi orientada por um grande educador: o professor João Kopke, cuja morte recente, todos nós tanto sentimos. O livro é o companheiro de todas as horas e de todas as idades. Aqui encontrareis desde a ingenua historieta infantil, até os mais bellos fructos de nossa literatura, passada e moderna. Um pouco de sciencia, um pouco de poesia, um pouco de arte, um pouco do pensamento universal, encontrareis nesta pequena bibliotheca. Que ella vos seja util e que ajude o desabrochar de vossos espiritos, habituando-vos ao convívio dos bons livros. Se assim fôr, terem s encontrado a verdadeira e unica recompensa que esperamos.

II - A Escola

EDUCAÇÃO MORAL E CIVICA

O jornal e o livro e a sua influencia social

A imprensa, quando honesta, digna e culta, tem um papel altamente civilizador a desempenhar no meio social a que pretende servir, contribuindo poderosamente para a formação de caracter e da mentalidade nacional.

Bem orientada e inspirada exclusivamente no bem publico, torna-se um factor eficiente do progresso, e concorre vantajosamente para o aperfeiçoamento da cultura geral, dos usos e costumes de um povo.

Vulgarizando conhecimentos, tornando accessiveis a todas as classes as conquistas das sciencias, das letras, das artes e das industrias, e abordando todos os assumptos de ordem politica e social, consegue a imprensa despertar o interesse da opinião orientando-a na corrente das suas idéas.

A geração moderna, em lucta ininterrupta pela conquista da subsistencia e do conforto, não dispõe, em sua maioria, de tempo e, por vezes, de recursos, para se entregar a demorados estudos tendentes á formação do criterio individual; é na imprensa que a maior parte da gente vae buscar inspiração para as suas convicções politicas e formar juizo sobre os problemas da vida collectiva.

Dahi decorre a grande responsabilidade do escriptor, resultante do seu prestigio e influencia como orientador da opinião publica e como factor da educação popular.

Nem todas as empresas jornalisticas, infelizmente, comprehendem o alto alcance da sua missão social; é commum verem-se columnas inteiras de certos jornaes occupadas com artigos subversivos, ou repletas de reportagens escandalosas, sobre factos immoraes, delictos sudaciosos ou repugnantes; de noticiario abundante em que predominam, com vistas epigrammaticas,

manescos de suicidios, crimes passionaes e infortunios privados, que, por sua propria natureza deveriam ficar em silencio; a imprensa, sob taes moldes comprehendida, torna-se um elemento de desordem e corrupção.

A finalidade da imprensa honesta deve ser, acima de tudo, no sentido de instruir, educar, informar e bem orientar, respeitando invariavelmente o lar, a honra e a reputação alheias.

Exercendo o seu direito de critica, deve fazel-o com elevação e probidade, sem descer aos ataques pessoaes e á linguagem virulenta e indecorosa.

O escriptor, conscio da sua elevada missão, só tem o direito de lançar mão da penna ao serviço das boas causas; o movimento da independencia, a campanha da abolição, a propaganda da republica e as reivindicações politicas devem ao jornalismo serviços de inestimavel valor.

Os livros — de sciencia, de arte ou de litteratura — quando da autoria de escriptores honestos e competentes, constituem um repositorio commodo e immediato de aquisições uteis; são amigos sabios, discretos e leaes, com que podemos contar em qualquer circumstancia, e tão vantajosa é a sua companhia quanto prejudicial a leitura de publicações licenciosas, ou que contenham doutrinas condemnaveis, attentatorias da moral ou da ordem social.

Aos paes e professores compete, pois, zelar pela boa escolha da leitura destinada aos moços, impedindo que tenham ingresso no seio da familia e nas casas de ensino quasquer publicações capazes de prejudicar a delicadeza de sentimentos daquelles que foram confiados á sua direcção moral e espirital.

Os abusos resultantes da liberdade de imprensa são punidos pelas disposições do decreto n. 4743, de 31 de Outubro de 1923, conhecido vulgarmente pela designação de lei de imprensa.

contribue para a formação do caracter e para a cultura da intelligencia.

Os usos, os costumes e a mentalidade do povo estão sujeitos á sua influencia, benefica ou nociva, conforme a sua bôa ou má orientação:

O jornal consegue despertar a opinião e concorre para formar a corrente das idéas em torno das questões sociaes.

Agitando os problemas da vida collectiva, de accordo com o seu ponto de vista, o jornal assume grande responsabilidade na orientação das camadas menos cultas.

A bôa imprensa deve agir com ponderação, criterio, honestidade e patriotismo.

O seu papel é guiar, instruir, deleitar e informar, usando sempre de linguagem correcta, digna e elevada.

E' seu dever respeitar o lar, a honra, a dignidade e a reputação alheia, procedendo sempre com justiça e rectidão nas suas apreciações, sem descer aos ataques pessoais e ás invectivas grosseiras.

A sua missão é pugnar pelas causas justas e humanitarias, pela or-

dem e pela justiça e pela observancia dos principios de moral publica, sem intervir nos factos de ordem privada.

E' nociva a imprensa que por espirito mercantil, calumnia e falseia a verdade, explora escandalos, da publicidade a occurrencias indecorosas, crimes repugnantes e delictos monstruosos; nestas condicções, torna-se ella indigna do apreço da gente honesta e trêe a sua missão civilisadora.

Os bons livros são excellentes companheiros, capazes de proporcionar as mais agradaveis emoções, falando-nos com delicadeza, ao espirito e ao coração.

As boas letras constituem prendas preciosas que muito recommendam o individuo ao apreço das pessoas cultas.

As obras condemnadas pela de-cencia e pela razão, só servem para desorientar o espirito e prejudicar o caracter.

Os moços só se devem entregar a leituras que os instruem e elevem o seu nivel moral, deixando-lhes sadias impressões de conforto com as suas lições proveitosas.

José Rangel

Rio, 28-10-1926

DESCONTO POR DENTRO

Tenho observado que os que estudam arithmetica fazem, em geral, grande confusão a respeito do *Desconto racional* ou *por dentro*, que consideram coisa particularmente difficil. Só por isso, que outros professores têm igualmente verificado, é que vou expôr aqui a materia, como habitualmente a explico.

Assentada a differença entre o *desconto commercial* e o *desconto racional*; feita praticamente a verificação de que o *valor actual* (achado no desconto commercial); posto a juros, á taxa correspondente á do desconto e durante o tempo que falta para o vencimento, não dá de juros a quantia descontada, ponho então o verdadeiro problema:

Dado o valor actual 100, este valor, posto a juros á taxa annual i dará em 2 annos $2i$, em 3 annos $3i$... em t annos it . Somados os juros it ao valor actual 100 teremos o valor nominal $100 + it$.

Agora raciocino assim: Para que o valor nominal $100 + it$ possa fornecer o valor actual donde partimos, é necessario que soffra um desconto it ; semelhantemente, o valor nominal N soffrerá um desconto d .

$$\begin{array}{r} 100 + it \quad \text{-----} \quad it \\ N \quad \text{-----} \quad d \end{array}$$

Dahi, a proporção me dá o valor de d :

$$d = \frac{N it}{100 + it}$$

Esta é uma das duas formulas fundamentaes, que é preciso ter de memoria para resolver os problemas de desconto por dentro.

A' outra chego pelo seguinte raciocinio:

Sendo 100 o valor actual, este valor, posto a juros, afim de que com estes se obtenha o valor nominal, rende em 1 anno i , em 2 annos $2i$, em 3 annos $3i$, em t annos it . Semelhantemente, qualquer valor actual A , posto a juros, renderá d (quantia igual ao *desconto racional*).

$$\begin{array}{r} 100 \text{ ————— } it \\ A \text{ ————— } d \end{array}$$

Dahi, estabelecida a proporção; tiro:

$$A it = 100 d.$$

Ninguem me supponha tão ingenuo que pense ter descoberto alguma coisa nova. Estou apenas mostrando o modo de encaminhar o raciocinio para uma comprehensão mais rapida.

Guardadas estas duas relações:

$$d = \frac{N it}{100 + it} \quad (1^a)$$

$$A it = 100 d \quad (2^a)$$

e presente tambem a relação $N = A + d$, que resulta da propria definição do *desconto*, qualquer alumno resolverá rapidamente todos os problemas possiveis na materia, sem precisar guardar de memoria *todas as formulas*.

Vejamos.

Ha, nos problemas de desconto, cinco quantidades, que representamos:

N A d i t

Se dermos tres dessas quantidades, perfeitamente distinctas, poderemos determinar as outras duas:

Facil é de verificar que só podem occorrer os seguintes casos:

| | Dados | | | Incognitas | |
|-----|-------|---|---|------------|---|
| 1° | N | A | d | i | t |
| 2° | N | A | i | d | t |
| 3° | N | A | t | d | i |
| 4° | N | d | i | A | t |
| 5° | N | d | t | A | i |
| 6° | N | i | t | A | d |
| 7° | A | d | i | N | t |
| 8° | A | d | t | N | i |
| 9° | A | i | t | N | d |
| 10° | d | i | t | N | A |

No 1° caso, dados N A d, o problema é indeterminado. Não podemos determinar nem i nem t . E' que N, A, d não são quantidades perfeitamente distinctas e independentes: d resulta immediatamente de N e A. O problema seria, por exemplo: «Uma pessoa leva a desconto uma letra de 5:000\$000; recebe por ella 4:700\$000, tendo soffrido o desconto de 300\$000. Qual foi a taxa e que tempo faltava para o vencimento?». Escuso de repisar a indeterminação de tal problema.

Em todos os outros casos, isto é, desde que entre os dados figure i ou d , o problema é possivel e perfeitamente determinado.

2° caso. — O problema seria: «Uma pessoa leva ao banco uma letra de 4:000\$000 e recebe por ella 3:970\$000. Sabendo-se que a taxa foi 6%, qual foi o desconto e qual o tempo que faltava para o vencimento do titulo?»

São dados N, A, i ; procuram-se d e t .

O valor de d acha-se pela simples subtracção:

$$d = N - A,$$

isto é, 4:000\$000 — 3:970\$000 = 30\$000.

Para achar o valor de t , basta-nos tomar a 2ª formula:

$$A it = 100 d.$$

Dahi tiramos:

$$t = \frac{100 d}{A i},$$

isto é,

$$t = \frac{100 \times 30.000}{3.970.000 \times 6}.$$

O tempo é, necessariamente, dado em *annos*. Sendo necessario (quasi sempre o é) calcularemos t em mezes e dias, por meios já muito conhecidos do estudo dos complexos.

Assim para os demais casos. No terceiro, teremos:

$$d = N - A$$

$$i = \frac{100 d}{A t}.$$

No quarto,

$$A = N - d$$

$$t = \frac{100 d}{A i}$$

No quinto,

$$A = N - d$$

$$i = \frac{100 d}{A t}$$

No sexto, tiraremos primeiro o valor de d pela formula 1ª:

$$d = \frac{N i t}{100 + i t}$$

e achado o desconto, acharemos A por mera subtracção:

$$A = N - d$$

No setimo,

$$N = A + d$$

$$t = \frac{100 d}{A i}$$

No oitavo,

$$N = A + d$$

$$i = \frac{100 d}{A t}$$

No nono, da formula 2ª tiramos:

$$d = \frac{A i t}{100}$$

e depois

$$N = A + d$$

No decimo, da formula 2ª tiramos:

$$A = \frac{100 d}{i t}$$

e depois:

$$N = A + d$$

Qualquer alumno poderá, por si mesmo, propôr os diversos problemas. Contudo, para maior facilidade, vou propôr um problema para cada caso.

I PROBLEMA. — *Uma letra de... 7:320\$000, levada a desconto, sendo a taxa 4 %/o, reduziu-se a 7:200\$000. Qual foi o desconto e que tempo faltava para o vencimento?*

SOLUÇÃO. — O desconto foi de 7:320\$000 — 7:200\$000 = 120\$000. Para achar o tempo, tomemos a formula $A i t = 100 d$, que nos dá:

$$t = \frac{100 d}{A i}$$

Substituindo, virá:

$$t = \frac{100 \times 120.000}{7.200.000 \times 4} = \frac{5}{12} \text{ do anno, isto}$$

é, 5 mezes.

II PROBLEMA. — *Uma letra de 7:320\$000, levada a desconto 5 mezes antes do vencimento, reduziu-se a 7:200\$000. Qual foi o desconto e qual a taxa?*

SOLUÇÃO. — O desconto foi de 7:320\$000 — 7:200\$000 = 120\$000. Para achar a taxa, tomemos a formula $A i t = 100 d$, que nos dá:

$$i = \frac{100 d}{A t}$$

Como t é expresso em mezes, escreveremos logo 1200 em vez de 100, ao effectuar a substituição:

$$i = \frac{1200 \times 120.000}{7.200.000 \times 5} = 4.$$

A taxa foi 4 %/o.

III PROBLEMA. — *Uma letra de 7:320\$000, levada a desconto, sendo a taxa 4 %/o, soffreu o desconto de 120\$000. Qual o valor actual e que tempo faltava para o vencimento?*

SOLUÇÃO. — Valor actual: 7:320\$000 — 120\$000 = 7:200\$000. Para achar o tempo, tomaremos a formula $A i t = 100 d$, que nos dá:

$$t = \frac{100 d}{A i}$$

Substituindo,

$$t = \frac{100 \times 120.000}{7.200.000 \times 4} = \frac{5}{12} \text{ do anno,}$$

ou 5 mezes,

IV PROBLEMA. — Uma letra de 7.320\$000, que se devia vencer dentro de 5 mezes, soffreu o desconto de 120\$000. Qual o valor actual e qual a taxa de desconto?

SOLUÇÃO. — Valor actual:
7:320\$000 — 120\$000 = 7:200\$000. Para achar a taxa, tomaremos a formula $Ait = 100d$, que nos dá:

$$i = \frac{100d}{At}$$

Sendo t expresso em mezes, substituiremos logo 100 por 1200; se o fosse em dias, substituiríamos 100 por 36.000. Fazendo as substituições:

$$i = \frac{1200 \times 120.000}{7.200.000 \times 5} = 4.$$

V PROBLEMA. — Uma letra de 7:320\$000, que se deve vencer dentro de 5 mezes, é levada a desconto a taxa de 4%. Qual o desconto e qual o valor actual?

SOLUÇÃO. — Para achar o desconto, tomemos a primeira formula:

$$d = \frac{Nit}{100 + it}$$

Como t é expresso em mezes, substituiremos 100 por 1.200.

$$d = \frac{7.320.000 \times 4 \times 5}{1200 + 4 \times 5} = \frac{7.320.000 \times 4 \times 5}{1220} = 120\$000.$$

Para achar o valor actual,
 $A = N - d = 730:\$0000 - 120\$000 = 7:200\$000$

VI PROBLEMA. — Uma letra, levada a desconto, sendo a taxa 4%, soffreu um desconto de 120\$000, reduzindo-se assim a 7:200\$000. Qual o valor nominal e qual o tempo que faltava para o vencimento?

SOLUÇÃO. — O valor nominal é 7:200\$000 + 120\$000 = 7:320\$000.

Para achar o tempo, tomaremos a formula $Ait = 100d$, que nos dá

$$t = \frac{100d}{Ai} \text{ ou } t = \frac{100 \times 120.000}{7.200.000 \times 4} = \frac{5}{12}$$

do anno, ou 5 mezes.

VII PROBLEMA. — Uma letra que se devia vencer dentro de 5 mezes, é levada a desconto. Soffre o desconto de 120\$000, reduzindo-se a 7:200\$000. Qual o valor nominal e qual a taxa?

SOLUÇÃO. — O valor nominal é 7:200\$000 + 120\$000 = 7:320\$000.

Para a achar a taxa, tomaremos a formula $Ait = 100d$, que nos dá:

$$i = \frac{100d}{At} \text{ ou } i = \frac{1200 \times 120.000}{7.200.000 \times 5} = 4.$$

VIII PROBLEMA. — Uma letra, levada a desconto 5 mezes antes do vencimento e sendo a taxa 4%, reduziu-se a 7:200\$000. Qual o valor nominal e qual o desconto?

SOLUÇÃO. — Para calcular o desconto, tomemos a formula $Ait = 100d$, que nos dá

$$d = \frac{Ait}{100} \text{ ou } d = \frac{7.200.000 \times 4 \times 5}{1200} = 120\$000.$$

O valor nominal será 7:200\$000 + 120\$000 = 7:320\$000.

IX PROBLEMA. — Uma letra, levada 5 mezes antes do vencimento, a desconto, sendo a taxa 4%, soffreu o desconto de 120\$000. Qual o valor nominal e qual o actual?

SOLUÇÃO. — O valor actual será dado por meio da formula $Ait = 100d$:

$$A = \frac{100d}{it} \text{ ou } A = \frac{1200 \times 120.000}{4 \times 5} = 7:200\$000.$$

O valor nominal será 7:200\$000 + 120\$000 = 7:320\$000.

Observe-se bem que para o tempo expresso em mezes ou em dias, bastará substituir 100 respectivamente por 1.200 ou por 36.000. Para taxas fraccionarias, será mais commodo operar por meio de fracções decimaes, pois as ordinarias trarão um accrescimo de trabalho e portanto maiores riscos de erro.

TRES PALAVRINHAS

Casino. — Palavra de procedencia estrangeira, eu deveria proscree-la desta minha singela columna, se me arreceasse da investida de meu velho amigo Osorio Duque-Estrada, que já uma vez me censurou pela inclusão do vocabulo *élite*. Mas estou certo de que o proprio contradictor reformou seu juizo, á vista da explicação que em outro numero lhe dei. O que faço é corrigir, no maior numero de casos, erros de pronuncia e só por isso entrou aqui a impugnada palavra franceza, que o bom gosto manda substituir por *escol*, *finá flor*, ou *nata*. Mas se alguém empregar o gallicismo, que profira correctamente o vocabulo. A pronuncia é que corrigi, pois ouvi, e ouvi até a altissimo magistrado, pronunciar *élite*, como se se tratasse de palavra portugueza, proparoxytona.

Quanto a *Casino*, é, não padece duvida, vocabulo estrangeiro, legitimo italiano, mas entrou definitivamente em nossa lingua, donde o ardor dos puristas o não extirpará. Se entrou, o correcto seria pronuncial o como fazem os italianos: *Cazino*. A verdade, porém, é que tem sido pronunciado sem discrepancia, desde que pela primeira vez se creou no Rio um estabelecimento com tal nome, de modo diverso: *Cassino*.

Que fazer? Estamos, parece, deante daquelle caso a que se applica o proloquio: *Communis error facit jus*. Tanto vale dizer que não creio se possa restaurar a pronuncia correctá, pois o vocabulo penetrou no uso popular e ha de perpetuar-se phoneticamente diverso do italiano.

Parece-me, entretanto, que se poderia escrever, aportuguezando a palavra, *Cassino* em vez de *Casino*. Essa

pequena alteração graphica é do mesmo genero da que se recommenda em *bonde*, em *vagão* e em outras.

Gloriola. — Ha nesta palavra o suffixo diminutivo, com *o* breve, empregado para derivação de palavras que difficilmente penetram no dominio corrente da linguagem popular, de palavras de cunho erudito.

Sendo o *o* breve, não se póde, pois, pronunciar *glorióla*, mas sim *gloriola*, incidindo o accento tonico sobre o *i*.

E como a palavra não é da linguagem popular, parece-me justo, necessario e possivel corrigir-lhe a pronuncia.

Logar-tenente. — Nesta palavra composta, a questão é relativa á formação do plural. Faz pouco, ouvi de candidato a concurso, em prova de preleção: «*os logares-tenentes*».

Nos pluraes dos vocabulos compostos ha muita balburdia, motivada pela applicação impensada de regrinhas empiricas. No momento da duvida, raramente occorre a quem fala o unico meio de resolver as difficuldades: pensar.

Que significa *tenente*? É um resquicio do legitimo participio presente e quer dizer: *aquelle que têm, que mantém, que occupa*. Tendo de formar o plural, o raciocinio logo me indica que não terei de escrever *logares*, mas apenas de pluralizar o segundo elemento, *tenente*.

Considere-se que o plural de *amante do bom vinho* não é *amantes dos bons vinhos*, mas apenas *amantes do bom vinho*, e com isto estará explicado que é *logar-tenentes*, que se deve dizer.

MESTRE-ESCOLA.

CASA CIRIO

GRANDE SORTIMENTO DE ARTIGOS
DENTARIOS

JULIO BERTO CIRIO & Comp.

RUA DO OUVIDOR, 183

Perfumaria e cutilaria finas
Importação directa dos Estados Unidos
e Europa

END. TELEG. CIRIO
RIO DE JANEIRO

TELEPHONE N. 1317 NORTE—CAIXA POSTAL N. 15

III - Lições e Exercícios

EDUCAÇÃO DO HOMEM E DO CIDADÃO

Bolsas de títulos e de mercadorias

Chamamos em geral títulos ás apolices, acções e debentures. A distincção entre as diversas especies de títulos não é facil, dados os limites elementares em que temos de permanecer. Basta que saibamos que todas ellas são *títulos* e o que, em geral representam.

Todos esses títulos representam dinheiro que foi entregue ou emprestado. As apolices do governo representam dinheiro que foi entregue ao governo; do mesmo modo as acções e debentures de uma empresa.

Todos esses títulos rendem juros e são procurados, uns mais e outro menos, pelos que possuindo dinheiro, desejam empregal-o.

Na aula de arithmetica fazemos numerosos problemas sobre os títulos, de sorte que não nos precisamos deter aqui tornando a explicar a parte mathematica a elles referentes.

Os títulos são, pois, coisa que se vende como qualquer outro artigo. Mas são artigos muito especiaes. Com elles seria facilimo os velhacos enganarem os homens de boa fé, não só falsificando-os, mas tambem dando infieis noticias, informações erroneas a respeito dos mesmos. E' exactamente por isto que o governo exige que as transacções sobre títulos se façam publicamente e por intermedio de pessoas fidedignas, a isso autorizadas.

As pessoas autorizadas a fazer as transacções de títulos são os corretores de fundo publicos. Se eu quizer comprar ou vender apolices ou acções, devo, pois, dirigir-me a um corretor. Não quer dizer que tambem não se possa comprar ou vender «por fóra», desde que não haja necessidade de certas formalidades. Mas é sempre preferivel comprar por intermedio dos que as leis nos indicam. Eu posso comprar tambem productos chimicos e medicinaes a qualquer pessoa que me appareça, mas prefiro

compral-os em drogarias, e bem reputadas...

Os corretores reúnem-se diariamente em uma especie de assembléa e ali cada um offerece os negocios que os seus freguezes ou committentes lhes encommendaram. Um diz que compra tantas apolices de tal especie por tanto; outro offerece vender tantas acções de tal companhia por tal preço. Os negocios são ali mesmo realizados, embora os corretores não paguem nem recebam immediatamente e sim depois, em seus escriptorios. Os negocios são feitos em grande confiança. Entender-se-ia deshonrado um corrector que, feito um lance, uma offerta ou uma promessa de venda, não effectuasse depois, praticamente, a transacção.

Diariamente os jornaes publicam os preços a que se fizeram os negocios de títulos. São as cotações dos títulos.

A assembléa dos correctores e o logar em que elles se reúnem officialmente tem o nome de *Bolsa*.

Assim como ha a bolsa de títulos ou fundos publicos, ha tambem as bolsas do café, dos cereaes, etc.

A bolsa de títulos do Rio de Janeiro tem enorme movimento. Se assistirdes ao trato dos negocios, feito em voz alta, falando muitos corretores ao mesmo tempo, tereis a impressão de que estão todos loucos e de que ninguem se entende. Realmente, só com a pratica se pode comprehender alguma coisa em meio daquelle vozerio ensurdecador.

Em Santos merece ser vista a bolsa do café. Transacções colossaes ali são tratadas em torno do precioso producto. Vendem-se e compram-se milhões e milhões de saccas, de tal sorte que uma differença minima no preço da unidade acarreta enormes differenças no total. Por uma differença de um minuto, perdem-se ou ganham-se verdadeiras fortunas.

Reconhecimento de firmas

Já deveis ter percebido que todos os actos importantes da vida são consignados, perpetuados, assegurados por meio da escripta. Assim, mal nasce uma criança, logo é registada e o pae traz para casa um «papel» ou documento, em que está certificado que em tal dia nasceu a mesma; se morré uma pessoa, logo se obtem igualmente um «papel» escripto, em que está consignado o passamento. Se vosso pae adquirir a casa em que residis, guardará um «papel» escripto, que é a sua garantia, que em qualquer tempo ha de provar que realmente a casa lhe pertence. Quando pagamos o aluguel da casa, temos direito a um «papel», ou «recibo», á vista do qual não será licito ao proprietario dizer que não lhe pagámos.

Todos esses «papeis» que nos servem para garantia, que consignam officialmente um facto, são «documentos». E' um habito bom, que devemos desenvolver, o de guardar taes documentos. Quantas vezes um velho papel, apparentemente sem importancia, demonstra claramente o direito, a razão!

Ora, comprehendéis que para que taes documentos tenham valor é necessario que sejam passados pelas pessoas que o podem fazer, que para isso estejam habilitadas e autorizadas. E mais, é necessario que em qualquer tempo ninguem possa acoimar de falsa a assignatura dos mesmos. Para isso é que existe a instituição do conhecimento de firmas.

A palavra *firma* é empregada aqui no sentido de assignatura.

Ha, pois, um meio de assegurar que a assignatura de certa pessoa apposta em um documento, é authentica, ou legítima.

Os *tabelliães* possuem archivos, em que cada pessoa pode e deve depositar a sua firma ou assignatura.

Basta, para isso, comparecer ao cartorio ou officio, acompanhado de pessoa conhecida do mesmo tabellião, e assignar no livro proprio. A pessoa conhecida do tabellião garante que o individuo é o proprio, e o tabellião guarda aquella assignatura ou firma para comparar com a que lhe seja mais tarde mostrada como pertencente á mesma pessoa.

Isso succederá mais cedo ou mais tarde. Assim, *suppondo* que eu assignei um documento qualquer, o dono do papel em que lancei a minha firma não tem mais do que levar-o ao tabellião e pedir-lhe que «reconheça» minha firma. O tabellião, cotejando com o original de minha assignatura, existente em seus livros, dirá então que a mesma é verdadeira, e o documento estará assim revestido de maior segurança.

Como vêdes, para que alguém tenha sua firma reconhecida, é necessario antes de tudo que seja capaz de assignar o nome, que saiba escrever. Os analfabetos estão por isso mais arriscados a ser lesados do que os que sabem ler e escrever.

Para reconhecer a firma de qualquer pessoa em um documento, o tabellião cobra como é natural, uma taxa, que é especialmente de 1\$000.

As pessoas de negocios têm geralmente sua firma em varios tabelliães, para facilitar o reconhecimento.

Perguntareis agora porque merece mais fé a declaração do tabellião do que a simples declaração de qualquer pessoa. E' que os tabelliães são profissionaes, funcionarios ou serventuarios expressamente propostos á funcção de dar «fé publica» aos documentos. São como peritos, nomeados pelo governo. Suas firmas e signaes propios são largamente conhecidos de todos os que lidam com documentos, de modo que, apresentado um papel com o «reconhecimento da firma» por determinado tabellião, qualquer pessoa vê logo se o reconhecimento é authentico e deposita confiança no documento, através da palavra do tabellião.

E agora dado o caso de não ser a pessoa residente no local? Póde occorrer, por exemplo, que o individuo residente em S. Paulo precise enviar um documento para o Rio. Como provar, aqui, que sua assignatura é authentica? Neste caso, a pessoa fará reconhecer a propria firma pelo seu tabellião lá em S. Paulo, e pedirá ao mesmo que indique o tabellião do Rio que abonará esse reconhecimento. Cada tabellião possui em seu archivo a firma e o conjuncto de riscos, rabiscos e letras que se constituem o «signal publico» dos diversos collegas. Chegando, pois, do Rio o do-

cumento, o tabellião indicado fará o reconhecimento do «signal publico» de seu collega, e a firma da pessoa estará reconhecida para todos os efeitos.

Othello Reis.

LINGUA MATERNA

(1.º e 2.º ANNOS)

Para recitação

Lili, attenta, observa
Mimosa flor no hastil :
As pet'las finas, sedosas,
A graça, o aroma, o perfil.

E vendo a grande harmonia
Que prevalece na flor,
Lili, mui grave, medita
Nas obras do Creador.

Vê o céu, o sol brilhante,
As aves, a viração,
A arte maravilhosa
Do autor da criação.

E logo enternecida,
Lili ajoelha então,
Mandando a Deus, nas alturas,
Beijinhos de gratidão.

2.º ANNO

*Inteirar as seguintes sentenças
empregando o vocabulo que
convier.*

O relógio — horas. O sol brilha — o dia. Zezé gosta de — ao cinema. O jardineiro põe — para amparar as roseiras. No prato — serve-se a sopa. A merenda de Zezé é — com manteiga. A manteiga é feita do —. Zezé estuda e a professora lhe dá — notas. A criança myope deve usar —. Zezé toma — de mar. Os remadores — o bote para a praia. Os olhos de Zezé — verdes e grandes. A casa de Zezé — tres quartos com janellas. A faca — corta porque não está —.

2.º e 3.º ANNOS

Cartinha á madrinha pedindo-lhe a étamine para fazer-lhe um panno de mēsa com o ponto cruzado que aprendestes na escola. (*Tratamento de senhora*)

Cartinha offerecendo á madrinha uma cestinha de ovos fresquinhos colhidos no gallinheiro de vossa casa. (*Tratamento de senhora.*)

Bilhetinho á professora prevenindo-a de que não podereis ir hoje á escola, por se achar enferma a mamãe que muito necessita de vossos cuidados. (*Tratamento de senhora*).

Bilhetinho a um collega pedindo-lhe que vos traga os trabalhos passados para casa, visto que não podeis ir hoje á escola. (*Tratamento de você*).

4.º ANNO

Narração

o orgulho

Num grupo de meninas destacava-se Alice pela belleza e intelligencia.

Era alegre e esbelta, loquaz e interessante, mas um sentimento máu afastava-a da sympathia dos collegas e alienava-lhe as boas qualidades.

Alice era orgulhosa. Sentia-se superior ás companheiras, em nenhuma descobria qualidades apreciaveis e reclamava sempre que outra criança, e não ella, obtinha boas notas nas lições.

Nas partidas de jogos escolares aborrecia-se demasiado quando perdia e accusava de incapazes os companheiros de partido.

A professora mostrava-lhe o exagero dessas accusações e induzia-a a ser compassiva com os collegas, e calma e corajosa no infortunio. Mas nem por isso Alice progredia, porque lá estava em seu coração o vil orgulho a deslustrar-lhe o brilho da intelligencia.

Uma vez devia sua escola concorrer aos premios offerecidos pelo instructor de gymnastica aos vencedores de uma partida de — Bola Americana.

Todas as crianças fremiam de en-

thusiasmo e indicavam os collegas que representariam a escola na brilhante festa.

Quando Alice viu constituido o grupo de que ella propria fazia parte, disse logo que não jogaria porque não queria perder com collegas tão fracos.

Só ella, dizia com orgulho, sabia jogar; os outros não valiam uma peteca e assim, para que jogar, si tinha a certeza de perder?

Por mais que todos insistissem e a professora lhe dissesse que perder é agradável quando o triumpho é de amigos, mesmo assim a menina obstinou-se e não jogou.

A festa realizou-se com brilho inextinguível e os collegas de Alice, vibrantes, loucos de alegria, corajosos e perseverantes, conquistaram com modestia e grande honra a victoria contra competidores adextrados.

Os premios eram lindos e a escola, durante dias, viveu da alegria das crianças. Só Alice, castigada no seu orgulho, desapontada e triste, esteve arredia, prometendo a si mesma recalcar aquelle sentimento que a fizera, por tanto tempo, injusta e cruel.

5.º, 6.º e 7.º ANNOS

Carta a uma menina que, por vaidade, arrancou os supercilios. (*Tratamento na 2ª pessoa do singular.*)

Direcção — Dizei do pesar que sentistes ao ver vossa amiguinha despojada de um dos traços de belleza com que a dotou a natureza.

Lembrae-lhe que, sendo apenas uma menina muito fresca, muito nova, não se lhe torna mister o uso desses recursos com que as pessoas idosas disfarçam a fealdade ou o desaparecimento da juventude. Dizei-lhe que nenhum atavio, nenhum arrebique pode superar a graça natural de uma criança de sua idade, que ainda não alcançou o pleno desenvolvimento dos dotes physicos. Convençei-a de que ha de crescer muito ainda no tamanho e na formosura e que por isso mesmo não deve inutilizar ou damnificar a obra da natureza que é perfeita.

Mostrae-vos admirada de como poudes vossa amiguinha arrancar os pro-

prios cilios, operação que, certamente, lhe causara soffrimento e dizei-lhe que julgaes essa pratica como um processo de supplicio e que, si fôra determinada ha alguns seculos, seria considerada castigo. Falae de como vossa amiguinha foi de encontro á natureza, não somente arrancando os pellos que lhe davam especial encanto ao rosto lindo, mas tambem destruindo quasi totalmente a arcada protectora dos olhos, aquella eminencia que impede a incidencia directa dos raios solares nos olhos e detem as gottas de suor do trabalho que, sem essa natural barreira, rolariam trefegas sobre elles. Argumentae com vossa amiga a respeito da inutilidade de parecer aos outros e a nós mesmos aquillo que não somos. Terminae incitando-a a deixar crescer os cilios para restituir a seu rostinho a feição que sempre teve e a graça leve que o distingue dos outros rostos.

I. M.

GEOGRAPHIA

Litoral do Brasil

DIRECÇÃO — FEIÇÕES PHYSIOGRAPHICAS
GERAES — DIVISÃO

Direcção

Apresenta a costa brasileira duas direcções principaes: uma de NW. para SE. e outra de NNE. para SSW., representadas pelas duas rectas que se podem traçar do cabo de Orange á ponta dos Touros, e desta á barra do Xuhi. Em varios trechos particulares, porém, apresenta direcções locaes muito diversas, que comtudo não alteram as directrizes geraes. Assim, na Bahia, ha um trecho de costa dirigido de N. a S.; no Rio de Janeiro, de E. a W., etc.

Feições physiographicas geraes

O litoral é na sua maior parte unido, massiço, pouco recortado, convexo. Poucas são as grandes chanfraduras, ou reentrancias que apresenta e raras as proeminencias. A maior concavidade da linha litoranea é a que vae

do cabo Frio, no Estado do Rio de Janeiro, ao de Santa Martha, no de Santa Catharina. Reentrancias notaveis são a chanfradura do Amazonas, e a que tem para centro a bahia de Todos os Santos.

Se não apresenta em abundancia grandes reentrancias, como golfos e vastas bahias, offerece comtudo consideravel numero de sinuosidades fracas, bem como de pontas, pontaes e cabos de pequenas dimensões, e muitas bahias, enseadas, angras e barras de rios, que formam portos naturacs.

As costas do Brasil, em suas relações com o relevo geral do paiz, devem ser classificadas no denominado «typo atlantico», por serem suas directrizes geraes não parallelas ás directrizes principaes do relevo. Em alguns trechos particulares, porém, a costa é francamente do «typo pacifico» ou «concordante». Exemplo, a região correspondente á serra do Mar.

Quanto aos typos particulares de costas, devemos distinguir:

1º) — O litoral do cabo Orange ao cabo de São Roque, costa terrigenea, isto é, em que a terra vae em progresso, augmenta. Pouco recortada, inçada de estuarios deltaicos, baixa e plana, ora dunosa, ora desprovida de dunas, e apresentando «barreiras».

2º) — O litoral do cabo de São Roque ao cabo Frio, que apresenta numerosas barreiras, dunas e recifes, com varios trechos baixos e alagadiços, e lagoas formadas na foz dos rios, pela obstrucção determinada pelas areias do mar.

3º) — O litoral de cabo Frio para o Sul; é uma costa de emersão, isto é, que está presentemente a se erguer do Oceano. Ha neste trecho uma vasta secção, de Santa Catharina ao Rio Grande do Sul, em que o litoral é formado de cordões litoraneos, represando lagunas numerosas.

Os caracteristicos physiographicos dos varios trechos de nossa costa são: mangues, recifes, barreiras, lagunas e dunas. Os mangues abundam principalmente na secção que vae do cabo Orange á ilha de Marajó; os recifes, de arenito ou de coral, ao longo da costa do Rio Grande do Norte, Parahiba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahía. Barreiras são denominadas em geral as

falejas de uns 50 metros de altura, abruptas e desnudadas, que se encontram em muitos trechos, sobretudo no Nordeste, indo até o Espirito Santo. São geralmente constituídas, como o nome indica, de argila. As lagunas costeiras, sobretudo notaveis ao Norte do Pará, em Alagoas, Espirito Santo, Rio de Janeiro, Santa Catharina e Rio Grande do Sul, são formadas ou pela obstrucção dos rios pelas areias do mar, ou pela formação de praias-barreiras, restingas e pontaes alongados. Algumas possuem sangradouro e outras não. Dunas, encontram-se de alturas consideraveis, até de 50 metros, no Nordeste e tambem no ultimo trecho do litoral, no Rio Grande do Sul. Muitas dellas são fixas, mas na maioria não o são, mas sujeitas a frequentes remodelações de forma e mudanças de logar pela força dos ventos. A presença das dunas impede, em geral, a existencia de nucleos de povoação bem junto ao mar: estes acham-se em geral mais para dentro, parecendo a costa, quando se contempla de longe, de uma embarcação, inteiramente deserta.

As diversas formações acima referidas provam que o litoral brasileiro, pelo menos em alguns largos trechos, está em elevação. Sabemos pela observação de varias regiões que houve, em épocas remotas, varias depressões, mas actualmenta tudo concorre para mostrar um soerguimento gradual e portanto um recuo do mar, que se vêm effectuando ha bastante tempo. Entre os vestigios desse recuo do Oceano, citam-se os sambaquis e as esteiarias. Sambaquis ou ostreiras são grandes depositos de conchas, formando verdadeiros outeiros, situados nas proximidades das actuaes linhas litoraneas, mas não cobertos pelas aguas. De mistura com as conchas encontram-se frequentemente varios objectos feitos de pedra, bem como ossos humanos e de animaes diversos, o que tem dado origem á questão, até hoje não resolvida, se os sambaquis serão depositos naturaes, ou serão depositos artificiaes de residuos de alimentação dos habitantes primitivos. Importa, porém, dizer que no Brasil, onde se têm encontrado sambaquis em muitos pontos, principalmente em São Paulo e em Santa Catharina, a hypothese de serem productos do homem, isto é, de serem deposito de restos de

alimentação, é quasi inaceitavel. As estaiarias, ou estacadas, que se descobriram no Maranhão, attestam igualmente o recuo do mar, pois não são mais do que remanescentes de antigas habitações lacustres.

Divisão

Ten sido dividido o litoral brasileiro mais ou menos arbitrariamente, em secções e subsecções. Dois criterios, porém, são os mais seguidos: o adoptado por Saldanha da Gama no capitulo que escreveu para a notavel Geographia de Wappœus, e o actualmente indicado nos programmas officiaes de ensino secundario.

Saldanha dividiu o litoral em 7 secções: 1^a) do cabo Orange ao cabo Gurupi, 2^a) do cabo Gurupi ao delta do Parnahiba, 3^a) do delta do Parnahiba á ponta dos Touros, 4^a) da ponta dos Touros ao rio São Francisco, 5^a) do rio São Francisco ao cabo Frio, 6^a) do cabo Frio ao cabo de Santa Martha grande, 7^a) do cabo de Santa Martha grande á barra do arroio Xuhi.

A divisão actualmente adoptada nos programmas de ensino secundario é em 3 grandes secções: 1^a) litoral septentrional, 2^a) litoral oriental, 3^a) litoral meridional, terminando respectivamente na ponta dos Touros, no cabo Frio e na barra do Xuhi.

Seguimos neste trabalho, como é natural, esta ultima, subdividindo cada uma das tres grandes secções com outras menores, conforme as feições physiographicas particulares dos diversos trechos.

Ambas as divisões são empiricas e têm apenas o intuito de methodizar o estudo. A primeira divisão baseada em caracteristicos physiographicos reaes foi esboçada pelo professor Raja Gabaglia, que considerou seis trechos do litoral: 1^o) *Costa de mangues*, do cabo Orange ao cabo Norte, 2^o) *Costa de estuario*, na região amazonica, 3^o) *Costa mixta*, da ponta Tijuca ao Parnahiba, 4^o) *Costa dunosa*, até o cabo de Sto. Antonio, 5^o) *Costa concordante*, até a barra do Araranguá, 6^o) *Costa arenosa*, até a barra do Xuhi.

OTHELLO REIS.

ARITHMETICA

Problemas

1. ANNO

I — A mamãe de Lucia ganhou 1/2 duzia de laranjas selectas, dezena e meia de laranjas rosa e duas duzias de laranjas lima.

Fez presente de 15 fructas. Quantas restam ?

$$\begin{aligned} \text{Laranjas recebidas} &: 6 + 15 + 24 = 45 \\ \text{restantes} &: 45 - 15 = 30 \end{aligned}$$

II — O avô de Elza comprou uma casa por 20 contos. Gastou nos impostos 2 contos, em concertos 4. Vendendo a por 30 contos, quanto lucra ?

$$\begin{aligned} \text{Gasto do vovô} &: 20 + 2 + 4 = 26 \text{ contos} \\ \text{Lucro} &: 30 - 26 = 4 \text{ contos} \end{aligned}$$

III — Cecy, Elza e Lucia tomavam conta de 48 pintinhos mas, atacados de uma doença, morreram 4 dos de Cecy, 3 dos de Elza, 5 dos de Lucia. Quantos ficaram ?

$$\begin{aligned} \text{Pintinhos que morreram} &: 4 + 3 + 5 = 12. \\ \text{Restam} &: 48 - 12 = 36 \end{aligned}$$

2.º ANNO

I — Comprei duas duzias de lenços a 18\$000 cada uma, uma gravata por 15\$000 e um par de meias por 14\$500. Levava commigo, antes de fazer as compras 96\$000. Quanto possuo ainda ?

$$\begin{aligned} \text{Gasto} &: 18\$ + 18\$ + 15\$ + 14\$500 = 65\$500 \\ \text{Restam} &: 96\$ - 65\$500 = 30\$500 \end{aligned}$$

II — Um trem partiu da Central com 800 passageiros. Em Lauro Muller ficaram 25 e entraram 13; em S. Christovam desceram 14 e entraram mais 16. Quantos passageiros tinha o trem ao chegar á estação de Mangueira ?

Passageiros que o trem recebeu : $800 + 13 + 16 = 829$

Passageiros que ficaram antes de Mangueira : $25 + 14 = 39$

Chegaram a Mangueira $829 - 39 = 790$

III — Comprei dois pares de sapatos a $65\$000$ cada um. Vendi um delles com o prejuizo de $6\$000$, o outro com o lucro de $4\$500$. Quanto recebi pelos dois?

Recebi pelo 1.º — $65\$000 - 6\$000 = 59\$000$.

Recebi pelo 2.º — $65\$000 + 4\$500 = 69\$500$

Quantia recebida, ao todo : $59\$ + 69\$500 = 128\$500$

3.º ANNO

I — comprei alguns metros de fazenda e fiquei ainda com $1\$600$. Se tivesse levado mais $\$600$, poderia ter comprado mais um metro. Quanto custa uma peça desse panno, com 60 m. ?

Preço do metro : $1\$600 + \$600 = 2\$200$
 » dos 60 m. : $2\$200 \times 60 = 132\000

II — Comprei 8 m de fazenda e ainda fiquei com $1\$300$. Se houvesse levado mais $\$500$, poderia ter comprado 9 m. Quanto levava commigo ?

Preço do metro — $1\$300 + 500 = 1\800

Quantia paga pelos 8m. $1\$800 \times 8 = 14\400

Quantia que levava — $14\$400 + 1\$300 = 15\$700$

III — Para comprar 5m. de certa fazenda faltavam-me $4\$200$. Sabendo-se que levava commigo $28\$300$, pergunta-se quanto custa o metro desse tecido.

Preço dos 5m. — $28\$300 + 4\$200 = 32\$500$

Preço da metro — $32\$500 \div 5 = 6\500

4.º ANNO

I — Um terreno rectangular de $40^m,8$ de largura custou $4:936\$800$. Qual o seu comprimento, sabendo-se que 1^m^2 vale $2\$000$?

Superficie do terreno $\frac{4:936\$800}{2\$000} =$

$$= 2468,^{m^2}40$$

Comprimento $\frac{2468^{m^2}40}{40^m,8} = 60,^{m}5$

II — Os quadros negros de duas salas de aula são exactamente do mesmo tamanho. Um delles tem $1^m,20$ de comp. e 0^m80 de largura. A valer o comprimento do outro, sabendo-se que, de largura, mede 0^m16 mais do que aquelle.

Superficie de ambos os quadros — $0^m,80 + 1^m,20 = 0^m^2,96$

Largura do 2.º — $0^m,80 + 0^m,16 = 0^m,96$

Comprimento $\frac{0^m,296}{0^m,96} = 1$ metro

III — Para ladrilhar uma copa foram precisos 1.200 ladrilhos quadrados de $0^m,08$ de lado.

Calcular a larg. da sala, sabendo-se que ha, no sentido do comprimento, 40 ladrilhos.

Superficie de um ladrilho — $(0^m,08)^2 = 0,^{m^2}0064$

Superficie da copa — $0^m^2,0064 + 1.200 = 7^m^2,68$

Extensão occupada por 40 ladrilhos, comprimento da sala — $0^m,08 \times 40 = 3^m,2$

Largura da copa $\frac{7^m^2,68}{3^m,2} = 2^m,4$.

5.º ANNO

I — Depois de descascadas, as amendoas perdem $\frac{2}{12}$ do seu peso. De-sejando 1 kilo de amendoas descascadas, que quantidade será necessario comprar ?

Fracção que representa todas as amendoas compradas — $\frac{12}{12}$

Deduzidos os $\frac{2}{12}$, equivalentes ás cascas, ficam $\frac{10}{12}$ que, neste caso, correspondem a 1 kilo.

$$\frac{1}{12} \text{ corresponde a } \frac{1 \text{ kg}}{10}$$

$$\frac{12}{12} \text{ correspondem a } \frac{1 \text{ kg} \times 12 = 12 \text{ kg}}{10}$$

II — Uma moça depositou certa quantia na Caixa Economica. Quiz depois retirá-la em parte, para fazer uma compra. Se tirasse $\frac{1}{10}$ ficavam-lhe faltando 6\$000 para a quantia de que precisava; se tirasse $\frac{1}{16}$ sobravam-lhe 1\$500. Em quanto importava a mercadoria que tinha a pagar?

A quantia que lhe fica faltando, na 1ª hypothese, reunida á que lhe sobra, na 2ª, corresponde á differença entre as duas fracções.

$$\left(\frac{1}{10} - \frac{1}{16} \right) \frac{6}{160} = 7\$500$$

$$\text{Valor de } \frac{1}{160} = \frac{7\$500}{6}$$

$$\text{Quantia depositada} = \frac{7\$500 \times 160}{6}$$

$$= 200\$000$$

Dinheiro que poderia retirar para a compra, ficando ainda com 1\$500 —

$$- \frac{1}{10} \text{ de } 200\$000 = 20\$000.$$

10

$$\text{Valor das compras : } 20\$ - 1\$500 = 18\$500.$$

III — Uma rendeira cearense fez certo trabalho em 15 dias. Uma outra operaria trabalha 3 vezes menos do que ella. Sabendo-se que em um dia de trabalho a 1ª faz mais do que a 2ª — 2m, 40, calcular o numero de metros do trabalho.

Numero de dias necessários á 2ª para terminar o trabalho — $15^a \times 3 = 45^a$

Parte do trabalho que a primeira acaba em um dia — $\frac{1}{15}$

Parte do trabalho que a 2ª faz em igual tempo — $\frac{1}{45}$

Fracção correspondente á differença entre o trabalho das duas em 1ª, e portanto a 2ª, 40 —

$$\frac{1}{15} - \frac{1}{45} = \frac{2}{45}$$

Conclusão :

$$\frac{1}{45} \text{ equivale a } \frac{2^m, 40}{2}$$

Todo o trabalho $\left(\frac{45}{45} \right)$ corresponde a $\frac{2^m, 40 \times 45}{2} = 54 \text{ metros.}$

6º. ANNO

I — Um terreno rectangular de 120m. de comprimento custou 12:672\$000. Qual é a sua largura, sabendo-se que um outro terreno do mesmo valor, medindo porém 0, 8543 custou 18:794\$600?

$$0, 8543 = 0, 8543 = 8543m^2$$

Preço de m2. de qualquer dos dois terrenos — $\frac{18:794\$600}{8543} = 2\200

Superfície do 1º terreno — $\frac{12:672\$000}{2\$200} = 5760m^2.$

$$\text{Largura } \frac{5760}{120} = 48^m.$$

II — Um terreno rectangular de 100m. de comprimento e 36 de largura foi trocado por um outro, quadrado, equivalente em superficie. Calcular a despeza para cercar este ultimo terreno, cstando 3\$000 cada metro de cerca e havendo um portão que occupa 1,20, no valor de 26\$.

Superfície de ambos os terrenos : $36^m \times 100^m = 3600m^2$

$$= \text{Lado do } 2^\circ \sqrt{3600m^2} = 60m.$$

Extensão da cerca $(160^m \times 4) - 1,^m 20 =$
 $= 238,^m 80.$

Despeza com a cerca — $3\$000 \times$
 $\times 238, 80 = 716\$400.$

Despeza total — $716\$400 + 26\$000 =$
 $= 742\$400$

III — Um terreno sob a forma de um triângulo de 90^m de base e 80^m de alt., foi trocado por um outro, quadrado, equivalente em superfície. Fizeram em toda a volta do 2º uma passagem de 3^m de larg. Tendo o terreno sido comprado a $3\$000$ o metro quadrado, a como deve ser vendido o aro para que haja ainda o lucro de $864\$000$?

Area de qualquer dos terrenos :

$$\frac{90 \times 80}{2} = 3.600_{m^2}$$

Lado do terreno quadrado :

$$\sqrt{3.600_{m^2}} = 60^m$$

Lado do quadrado interno ás ruas :

$$60^m - (3 \times 2) = 54^m.$$

Superfície do quadrado interno, terreno que ha para ser vendido :

$$(54^m)^2 = 2916_{m^2} = 2916^{ca} = 29^a, 16.$$

Custo de todo o terreno — $3\$ \times 3600 =$
 $= 10:800\$000$

Quantia por que vae ser vendido :
 $10:800\$ + 864\$ = 11:664\$000.$

Preço do aro : $\frac{11:664\$}{29,16} = 400\$$

7º ANNO

I — Um terreno circular cujo perimetro é de $376,^m 992$ foi vendido por..... $565\$488.$ Qual o preço do Ha?

Diametro do terreno — $\frac{376,^m 992}{3,1416} =$

$$= 120^m \left(D = \frac{C^h}{\pi} \right)$$

Raio — $\frac{120^m}{2} = 60^m$

Area — $(S_{np. C^{lo}} = R^2 \times \pi) (60^m)^2 \times$
 $\times 3,1416 = 11309,^m 276 = 1,^m 130976 =$
 $= 1,^m 130976$

Valor do Ha. $\frac{565\$488}{1,130976} = 500\000

II — Achar o gasto que fará para guarnecer com uma franja de $12\$500$ o metro, o panno de uma mesa circular que mede $0,^m 60$ de raio, sabendo-se que caem $0,^m 20$ do panno em toda a volta, sem contar com a franja.

Diametro do panno : $(0,^m 60 \times 2) +$
 $+ (0,^m 20 \times 2) = 1,^m 20 + 0,^m 40 = 1,^m 60$

Circunferencia do panno, n.º de metros de franja necessarios $(C^f = D \times \pi)$

$$1,^m 60 \times 3,1416 = 5,^m 02656$$

Gasto com a franja — $12\$500 \times$
 $\times 5,02656 = 62\$832$

III — Uma senhora comprou fazenda sufficientemente larga, de $48\$$ o metro, para confeccionar um panno, obedecendo á forma circular de uma mesa para o qual se destina.

Guarneceu-o com uma franja de $15\$$ o metro. Sabendo-se, que, do panno, fóra a franja, cáem, em toda a volta $0,^m 15$ e que a franja importou em $117\$810$, pergunta-se —

— 1º. Qual a quantia gasta?

— 2º. Qual a superfície da mesa?

Extensão da franja, circunferencia

do panno : $\frac{117\$810}{15\$000} = 7,^m 854$

Diametro do panno, n. de metros de fazenda necessarios :

$$\frac{7,^m 854}{3,1416} = 2^m 5 \left(D = \frac{C^b}{\pi} \right)$$

Gasto com a fazenda : $48\$ \times 2,5 =$
 $= 120\$.$

Gasto total : $120\$ + 117\$810 =$
 $= 227\$810.$

Diametro da mesa — $2,^m 50 -$
 $(0,15 \times 2) = 2,^m 20$

Raio — $\frac{2,20}{2} = 1,^m 10$

Superfície da mesa $(S_{p. C^{lo}} = R^2 \times \pi) =$
 $(1,^m 10)^2 \times 3,1416 = 1,^m 21 \times 3,1416 =$
 $= 3,^m 2801336$

SEBASTIANA FIGUEIREDO.

"A EQUITATIVA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL"

SOCIEDADE DE SEGUROS SOBRE A VIDA

SEDE SOCIAL—Avenida Rio Branco, 125--Rio de Janeiro

(Edificio de sua propriedade)

Relação das apolices sorteadas em dinheiro, em vida do segurado

81. SORTEIO — 15 de OUTUBRO DE 1926

| | |
|---|------------------------|
| 126.659—João Kopp..... | Curityba—Paraná |
| 118.719—Fernando Gomes Pedrosa..... | Natal—R. G. Norte |
| 1. 163.272—Augusto Fernando Padilha..... | Manãos—Amazonas |
| 107.011—Joaquim Vieira Sobral..... | Riachuelo—Seigipe |
| 145.705—Antonio Martins Gomes Ferreira..... | Therezina—Piauhy |
| 119.164—Violeta Rodrigues Peixoto..... | Fortaleza—Ceará |
| 100.681—Joaquim Augusto Valle Guimarães..... | S. Luiz—Maranhão |
| 81.478—Alexandre Franz W. Beherensdorf..... | Delotas—R. G. do Sul |
| 154.177—Alfredo Monção..... | Belém—Pará |
| 142.266—Dr. Ernandi Teixeira Bastos..... | Maceió—Alagoas |
| 159.544—Luiz Cardoso Zagallo..... | Idem, idem |
| 101.625—Willy Haendel..... | Maragogipe—Bahia |
| 110.602—Genesio Coelho dos Santos..... | S. Salvador—Bahia |
| 181.786—Sabino Antonio Ferreira..... | S. J. do Cdo.—E. Santo |
| 155.274—João Pasini..... | C. Itapemerim—Idem |
| 156.208—Antonio Ferrão..... | D. S. Antonio—Idem |
| 2. 134.275—Archimedes Bandeira de Mello..... | Recife—Pernambuco |
| 136.123—Pedro Affonso da Silva Braga..... | Olinda—Idem |
| 112.562—Oscar Arcelino de Souza Raposo..... | Recife—Idem |
| 142.784—Jayme da Silva Loyo..... | Idem, Idem |
| 138.046—Hermann Hartmann..... | Idem, Idem |
| 154.004—Constantino Francisco Silvestre..... | Rio Bonito—E. do Rio |
| 132.699—Carolina Pillar Barreto Pedroso Campos..... | Campos—Idem |
| 3. 131.253—Mario Carneiro da Silva..... | Quissaman—Idem |
| 126.613—Joaquim Soares Pinto..... | Petropolis—Idem |
| 102.235—Pedro Ferreira Pasos..... | Campos—Idem |
| 125.977—Pacifico Alvarenga Paixão..... | S. P. Muriahé—Minas |
| 141.158—Adolpho Quadros de Sã..... | B. Horizonte—Idem |
| 162.459—Josaphat Edwards Santiago..... | Montes Claros—Idem |
| 142.309—Antonio Portella..... | C. do Paranabyba—Idem |
| 163.445—Vicentino de Paula Rocha..... | Bello Valle—Idem |
| 144.786—Frederico Dolabella Portella..... | B. Horizonte—Idem |
| 155.794—José Thiago de Castro..... | Fructal—Idem |
| 134.972—João Lopes da Silva..... | F. Rio Doce—Idem |
| 98.316—Maria Claudina Miranda..... | B. Horizonte—Idem |
| 142.773—Franklin de Carvalho..... | Diamantina—Idem |
| 106.202—Allú Marques..... | Curvello—Idem |
| 131.815—José Teixeira de Almeida..... | Capital Federal |
| 137.708—Macos C. F. Carneiro de Mendonça..... | Idem |
| 112.031—Dr. Eugenio Gomes Cardia..... | Idem |
| 100.583—Domingos Gomes Ferreira..... | Idem |
| 129.176—Simão de Araujo Valente..... | Idem |
| 123.997—Francisco Torquato de Almeida Filho..... | Idem |
| 153.198—José Pedro Rezende Junior..... | Idem |
| 4. 151.084—Manoel Ferreira Gonçalves..... | Idem |
| 116.391—Matheus de Lemos..... | Idem |
| 51.230—Vicente Quirino da Rocha..... | Idem |
| 154.281—Octavio Pinto Lima..... | Idem |
| 121.248—Cecil Frank Gould..... | Idem |

| | |
|---|-------------------|
| 141.341—Antonio J. Machado da Cunha..... | Idem |
| 146.649—Maciel Rodrigues Veiga..... | Idem |
| 128.206—Antonio Damião de Carvalho..... | Idem |
| 5. 147.345—Carlos de Paiva Meira..... | S. Paulo—S. Paulo |
| 158.156—Luiz Franco do Amaral Junior..... | Santos—Idem |
| 106.969—Eduardo Gomes da Silva..... | S. Paulo—S. Paulo |
| 142.902—Hostilio Cezar de Souza Araujo..... | Idem—Idem |
| 157.107—Olegario de Arruda Mendes..... | Matão—Idem |
| 160.576—Syllas Barros..... | Santos—Idem |
| 163.755—Luiz Corrêa de Camargo Aranha..... | S. Paulo—Idem |
| 6. 138.905—Ignacio Ungaretti..... | Araraquara—Idem |
| 7. 95.769—João Baptista de Oliveira Penteado..... | S. Paulo—Idem |
| 164.251—Alberto de Castro..... | Duartina—Idem |
| 150.230—David Antonio Matar..... | S. Paulo—Idem |
| 162.111—Ferrucio Manziéri..... | Idem—Idem |
| 164.035—Pedro Tavares da Silva..... | A. Lins—Idem |
| 119.807—Nahar Soubhia..... | Catanduva—Idem |
| 104.490—Nicolau Schiesser..... | S. Paulo—Idem |
| 122.910—Manoel de Góes..... | Idem—Idem |
| 114.597—Damaso de Souza Brandão..... | Idem—Idem |
| 145.799—Ildefonso Borges Rodrigues..... | Silveira—Idem |

Todos os professores pódem collaborar na grande campanha da tuberculose, exigindo, em sua escola, o uso da escarradeira HYGÉA, de limpeza hydro-automática sem intervenção manual.

Queiram assim comprehender os nossos professores e muito contribuirão para a formação das gerações futuras.



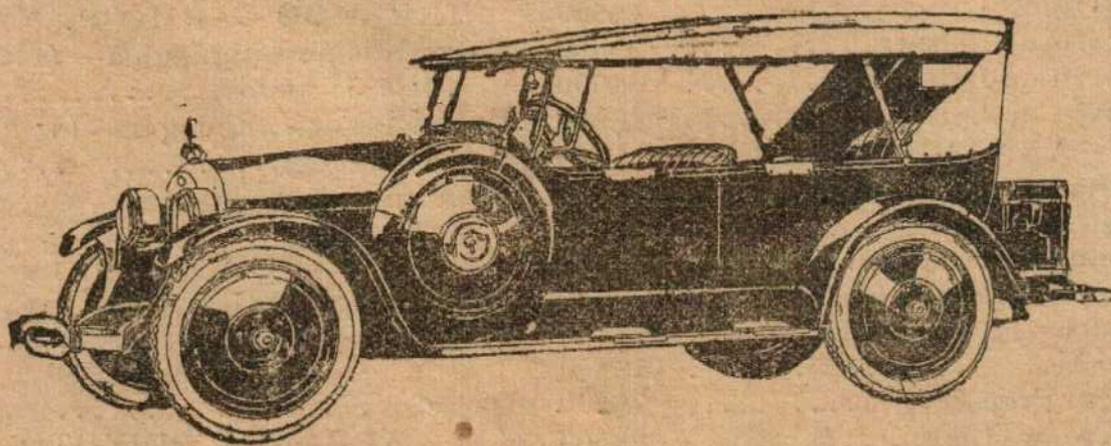
Colégio Cardeal Arcoverde, Rua S. Cristovão, n. 71, usa a Escarradeira «Hygêa»

"NASH" o carro ideal

Notavel pela sua belleza, força, commodidade, duração e economia.

O carro NASH é o que mais convem para o serviço da praça, não só pelas suas qualidades como pelas vantagens que oferece aos chauffeurs e particulares

VENDA A LONGO PRAZO



Os novos modelos dos carros NASH de 4 a 6 cylindros

AUTO GERAL

Companhia Commercial e Maritima

RUA BENEDICTINOS' 1 a 7

(Esq. da Av. Rio Branco)

RIO DE JANEIRO

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

S. PAULO

BELLO HORIZONTE

Rua do Ouvidor, 166

Rua Libero Badaró, 129

Rua da Bahia, 1052

PAULO DE AZEVEDO & C. Livreiros Editores e Importadores

HILARIO RIBEIRO

| | |
|--------------------------|--------|
| Cartilha Nacional..... | \$600 |
| 2. Livro de Leitura..... | 1\$000 |
| 3. Livro de Leitura..... | 1\$000 |
| 4. Livro de Leitura..... | 1\$000 |

THOMAZ GALHARDO

| | |
|---------------------------|--------|
| Cartilha da Infancia..... | \$600 |
| 2. Livro de Leitura..... | 1\$500 |
| 3. Livro de Leitura..... | 2\$500 |

EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO

| | |
|--------------------------|--------|
| 1. Livro de Leitura..... | 2\$000 |
| 2. Livro de Leitura..... | 2\$500 |
| 3. Livro de Leitura..... | 3\$000 |
| 4. Livro de Leitura..... | 3\$500 |
| 5. Livro de Leitura..... | 3\$500 |

SERIE PUIGGARI-BARRETO

| | |
|--------------------------|--------|
| Cartilha Analitica..... | 1\$500 |
| 1. Livro de Leitura..... | 2\$500 |
| 2. Livro de Leitura..... | 3\$000 |
| 3. Livro de Leitura..... | 3\$000 |
| 4. Livro de Leitura..... | 2\$500 |

ARNALDO BARRETO

| | |
|-------------------------|--------|
| Cartilha das Mães..... | 1\$000 |
| Primeiras Leituras..... | 2\$000 |
| Leituras Moraes..... | 2\$000 |

FRANCISCO VIANNA

| | |
|--------------------------------|--------|
| Primeiros Passos na Leitura... | 1\$500 |
| Cartilha..... | 1\$8.0 |
| Leitura Preparatoria..... | 2\$500 |
| 1. Livro de Leitura..... | 2\$500 |
| 2. Livro de Leitura..... | 3\$000 |
| 3. Livro de Leitura..... | 3\$000 |
| 4. Livro de Leitura..... | 4\$000 |

JOÃO KOPKE

| | |
|--------------------------|--------|
| 1. Livro de Leitura..... | 2\$000 |
| 2. Livro de Leitura..... | 2\$500 |
| 3. Livro de Leitura..... | 2\$500 |
| 4. Livro de Leitura..... | 3\$500 |
| 5. Livro de Leitura..... | 4\$000 |
| Leituras Praticas..... | 2\$000 |
| Fabulas (em verso)..... | 1\$500 |

D. MARIA ROSA RIBEIRO

| | |
|------------------------------|--------|
| Leitura Intermediaria..... | 2\$000 |
| Leitura para o 2.º anno..... | 2\$500 |
| para o 3.º anno..... | 2\$500 |
| para o 4.º anno..... | 3\$000 |

A. DE MACEDO BARRETO

| | |
|--------------------|--------|
| Preparatorias..... | 2\$500 |
| Leitura..... | 2\$000 |
| Leitura..... | 2\$000 |
| Leitura..... | 2\$500 |
| Leitura..... | 3\$000 |

JOÃO RIBEIRO

| | |
|-----------------|--------|
| Imporaneos..... | 3\$000 |
| | 4\$000 |

ASSIS CINTRA

| | |
|-----------------------------|--------|
| Pequenas Historias..... | 2\$500 |
| O. BILAC e M. BOMFIM | |
| Atravez do Brasil..... | 4\$500 |
| Leitura complementar..... | 4\$000 |
| Livro de composição..... | 4\$000 |

CARMEN GILL

| | |
|-----------------------|--------|
| Instrução Civica..... | 4\$000 |
|-----------------------|--------|

ALTINA DE FREITAS

| | |
|---------------|--------|
| Cartilha..... | 2\$000 |
|---------------|--------|

ANNA CINTRA

| | |
|-------------------------------|--------|
| Ensino Completo de Leitura... | 1\$500 |
|-------------------------------|--------|

A. JOVIANO

| | |
|----------------------------------|--------|
| Primeira Leitura (para crianças) | 2\$000 |
| Primeira Leitura (para adultos) | 2\$000 |
| Lingua Patria—1.º Livro..... | 4\$000 |
| « « —2.º Livro..... | 5\$000 |
| « * 3.º Livro..... | 5\$000 |

MARIA DO CARMO P. NEVES

| | |
|--|--------|
| Exercicios de Linguagem—(1., 2.º e 3.º annos)..... | 3\$000 |
| Exercicios de Linguagem—(4.º e 5.º annos)..... | 4\$000 |
| Exercicios de Linguagem (6.º e 7.º annos)..... | 4\$000 |

MANOEL BOMFIM

| | |
|-------------------------|--------|
| Primeiras Saudades..... | 4\$000 |
| Creanças e Homens..... | 3\$000 |

E. DE AMICIS

| | |
|--------------|--------|
| Coração..... | 2\$000 |
|--------------|--------|

AFRANIO PEIXOTO

| | |
|------------------------------|--------|
| Minha Terra e Minha Gente... | 2\$500 |
|------------------------------|--------|

BILAC e C. NETTO

| | |
|------------------------|--------|
| Contos Patrios..... | 3\$500 |
| Patria Brasileira..... | 3\$500 |
| Theatro Infantil..... | 2\$500 |

ALBERTO DE OLIVEIRA

| | |
|-----------------------|---------|
| Céo, Terra e Mar..... | 3\$5000 |
|-----------------------|---------|

TANCREDO AMARAL

| | |
|-------------------------|--------|
| Livros das Escolas..... | 4\$000 |
|-------------------------|--------|

BARRETO e LAET

| | |
|--------------------------|--------|
| Anthologia Nacional..... | 6\$000 |
|--------------------------|--------|

EUGENIO WERNECK

| | |
|----------------------------|--------|
| Anthologia Brasileira..... | 6\$000 |
|----------------------------|--------|

DUQUE ESTRADA

| | |
|------------------------------|--------|
| Thesouro Poetico..... | 3\$500 |
| Chorographia do Brasil..... | 3\$000 |
| Historia do Brasil..... | 2\$500 |
| B. P. R.—Leitura Manuscripta | 1\$500 |

A. BALTHAZAR DA SILVEIRA

| | |
|------------------------------|--------|
| Educação Moral e Civica..... | 2\$500 |
| O. BILAC—Poesias Infantis... | 3\$500 |

L. FERDINAND

| | |
|------------------------|--------|
| Lyra das Creanças..... | 2\$000 |
|------------------------|--------|

R. PUIGGARI

| | |
|------------------------|--------|
| Album de Gravuras..... | 2\$000 |
|------------------------|--------|

mettemos nosso catalogo gratis, para todo o Brasil